

Poço da Panela: um testemunho

Carlos Augusto Nicéas de Almeida

Me descubro sem muito recurso para redigir o testemunho que vocês me pediram sobre Paulo. Li os documentos que vocês me enviaram. O importante a ser dito sobre sua invenção – o Método Paulo Freire de alfabetização –, está muito bem dito lá.

A memória também já não me deixa lembrar da riqueza de detalhes que as primeiras experiências foram acumulando, nem recolher os traços que se imprimiram do tempo que foi o meu, no Poço da Panela, em Casa Forte, com aqueles que vinham até onde estávamos desejando aprender a ler e a escrever.

Só posso dizer que a experiência me marcou muito, eu era ainda um estudante de Medicina e engajara-me nas atividades do Movimento de Cultura Popular. Lá encontrei Paulo que um dia me convidou para iniciar com ele pequenas reuniões com um grupo de pessoas, todos adultos, que já tinham concordado em participar de seu próprio aprendizado de alfabetização.

Então, durante todo o primeiro ano da experiência eu me encontrava com Paulo em sua casa e, juntos, íamos ao encontro dos moradores do lugar, já reunidos numa sede paroquial, para extrair de suas falas as palavras-chave brotadas das conversas informais que tínhamos com eles. Depois, a partir do sentido que elas tinham para cada um, começávamos a aplicar, de uma maneira ainda pouco sistematizada, o essencial das ideias criadas por Paulo Freire para possibilitar que eles pudessem em breve se dizerem alfabetizados.

E assim tudo começou. Os textos mostram como o trabalho foi aos poucos ganhando espaço, do Poço da Panela chegou a Angicos e, depois, ganhou quase o Brasil inteiro.

Voltando à minha experiência, no começo, três noites por semana eu jantava com Paulo e Elza na casa deles e conversávamos sobre o progresso da experiência, antes de ir ao Poço da Panela para rever meus alunos ali reunidos em pequenos grupos.

Quando eu digo que a experiência deixou marcas em mim, eu não o digo somente pensando no quanto aprendi do que Paulo me ensinava nessas conversas que prolongávamos sobre a questão política brasileira, mas o digo, sobretudo, repensando as marcas que vieram do convívio com um mestre que, de sua posição, sempre se revelou um ser humano de uma grande humildade na transmissão de seu saber, humildade enraizada num desejo decidido de somente servir ao seu país como educador. E como foi bom partilhar de sua alegria, cada vez que sua esperança na eficácia do método que criara lhe devolvia os primeiros efeitos sobre o grupo de alfabetizando, nos fazendo acreditar, mais e mais, que muitos repetiriam ainda, como ouvimos de tantos, um "já sei ler!" que nos emocionava.

Enfim, a lembrança daquela experiência parece reinscrever-se em mim, hoje, enquanto lhes escrevo, através de uma brecha muito pessoal: escutei durante muito tempo aquelas pessoas, convivi muito proximamente com aquela gente movida pelo desejo forte de aprender a ler e a escrever palavras que eram pronunciadas por todos para comunicarem-se com o outro. Embora fossem palavras que traduziam situações e afazeres de suas vidas quotidianas, eles não podiam ainda lê-las ou escrevê-las. Até que, um dia, eles encontraram em seu caminho Paulo Freire.

Fico pensando, quem sabe – agora que lhes dou este testemunho do meu encontro com Paulo, e penso nisso pela primeira vez –, quem sabe, eu já me exercitava, sem o saber, para a prática de uma profissão na qual todos os dias ofereço minha escuta à espera de que se encadeiem os significantes-chave que marcaram a história singular de cada um dos sujeitos que vêm me pedir alívio para seu sofrimento?

Grande abraço, amigos.

Nicéas

Carlos Augusto Nicéas, médico e psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, é colaborador de diversas publicações nessa área, desenvolve atividades de ensino no Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (ICP/RJ) e na Clínica de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise de São Paulo (CLIPP).

caniceas@terra.com.br.